

Irmãs de São José (1953-1969): A escola feminina de Xanxerê (SC)

*Vanessa Picolli**

Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar aspectos relacionados à formação de professoras primárias dada pelo Colégio Normal São José, em Xanxerê, oeste de Santa Catarina, entre os anos de 1962 a 1969. Oriundas da França (século XVII), radicadas no Brasil em meados do século XIX, as Irmãs de São José, vindas de Curitiba (PR), estabeleceram-se na cidade de Xanxerê (SC), quando de sua emancipação, em 1953, dedicando-se ao ensino. Entre 1962 e 1969, as Irmãs de São José mantiveram em Xanxerê (SC), o Colégio Normal São José, com o objetivo de educar/formar moças do interior, colégio que, em 1969, foi comprado pelo Governo do Estado de Santa Catarina, transformando-se numa escola laica e pública com o nome de E. E. B. Presidente Arthur da Costa e Silva. Este estudo realizado na perspectiva da História Cultural da Educação dá destaque ao aspecto da Cultura Escolar praticada no Curso Normal nesta escola confessional feminina, entre 1962 e 1969, através do estudo das disciplinas de Higiene e Puericultura e Trabalhos Manuais, que compunham o currículo escolar. Através da pesquisa documental e bibliográfica, bem como com entrevistas a ex-alunas e de materiais oriundos de seus acervos pessoais foi possível rastrear indícios dessa formação, voltada para a instrução (formação como professora primária), mas também para uma preparação para o casamento e à vida familiar, papéis sociais esperados para jovens mulheres naquela situação e contexto.

Palavras-chave: Educação Feminina. Colégio Religioso. Ensino Normal Secundário. Cultura Escolar. Formação de Professoras.

Escrever a história não é uma tarefa fácil, nem livre de culpas, escrevemos de acordo com o que acreditamos e vivemos. Contar a história de um tempo no qual não estivemos presentes é, antes de qualquer coisa, fazer uma interpretação (própria?) dos fatos passados, pois, como nos alerta Albuquerque Júnior, “estamos céticos quanto à possibilidade de se conhecer o passado, tal como ele foi,” (1995, p. 61) e, ainda assim, essa tarefa nos exige rigoroso cuidado por se tratarem, estas interpretações, de escritas que deixam perceber as tendências de cada época, e é então que

[...] damo-nos conta de que a história não está a serviço da memória, de sua salvação, mas está, sim, a serviço do esquecimento. Ela está sempre pronta a desmanchar uma imagem do passado que já tenha sido produzida, institucionalizada, cristalizada. Inventando a partir do presente, o passado só adquire sentido na relação com este presente que passa. (ALBUQUERQUE JR. 1995, p. 61)

Nessa perspectiva, e com estes cuidados, começo contando a história de uma instituição católica que existiu em Xanxerêⁱ no interior (oeste) de Santa Catarina e tem expressivo valor para a História da Educação no Brasil.

Cabe, nestas primeiras páginas, apresentar ao leitor um pouco da História da Educação no oeste catarinense. Por volta do ano de 1917, quando acaba a Guerra do Contestado, percebe-se um processo de aceleração em relação à vinda de migrantes do Rio Grande do Sul para o oeste catarinense. O oeste catarinense era habitado por índios e brasileiros deslocados, os índios haviam sido expulsos de suas terras, quando essas foram conquistadas pelos fazendeiros e pelas companhias colonizadoras. Os brasileiros haviam se deslocado de outros pontos do território nacional para essa região, sendo alguns escravos fugitivos ou ainda expulsos das fazendas. Na grande maioria vieram explorar erva-mate e madeira.

Áreas de florestas e campos foram divididas em pequenos lotes, que chamaram de colônias. Essas colônias foram vendidas aos colonos que vinham do Rio Grande do Sul, descendentes de ale-

mães, italianos e poloneses, e dedicavam-se ao cultivo na pequena propriedade e no trabalho familiar.

A fragmentação da propriedade foi a principal causa da vinda de famílias gaúchas para Santa Catarina. Pequenas propriedades que produziam pouco dificultavam o sustento das famílias, que eram quase sempre numerosas. Era muito comum essas famílias venderem seu pequeno lote no Rio Grande do Sul para comprar terras mais baratas em Santa Catarina. As viagens do Rio Grande do Sul para Santa Catarina eram longas, não havia estradas e os migrantes enfrentavam uma série de dificuldades. Começando pelo fato de que as terras gaúchas estavam se esgotando e possuíam um valor muito alto. Assim, as famílias que quisessem ter terras para sobreviver teriam que comprá-las em Santa Catarina, nas colônias novas. Neste período eram poucas as oportunidades e condições para que os filhos destes pequenos proprietários estudassem ou seguissem outras carreiras, a única saída era conseguir mais terras para que estes vivessem da agricultura familiar.ⁱⁱ

Nos primeiros tempos da colonização do oeste catarinense as atividades educacionais se restringiram a algumas comunidades em que os pais se preocupavam em escolarizar seus filhos, uma educação não-formal. Assim, nas comunidades formadas por descendentes de italianos e alemães foram sendo construídas as primeiras salas de aula. Contudo, esses espaços destinados às salas de aula eram inapropriados, pois, na maioria das vezes, se ocupava uma sala nas igrejas ou na parte inferior das casas (porões) para que algumas pessoas, geralmente líderes religiosos ou pessoas que possuíam mais conhecimento, fizessem o papel de professores das crianças, recebendo uma quantia em dinheiro. As aulas eram realizadas nas línguas de origem, alemão e italiano, pois havia uma quase total ausência do Estado enquanto promotor da educação nestas regiões mais longínquas como o oeste catarinense, ao menos até a década de 1940ⁱⁱⁱ. Vale lembrar que estas comunidades de descendentes de

européus que saíram do Rio Grande do Sul para formar colônias em Santa Catarina falavam e mantinham os dialetos usados em seus países de origem.

Com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o governo brasileiro, inimigo da Itália e Alemanha, decretou a Nacionalização da Educação e, com isso, proibiu que os imigrantes e seus descendentes falassem em suas línguas e dialetos de origem. Dessa forma, muitas escolas foram fechadas ou proibidas de ensinar em outras línguas. A partir de então se intensificaram as preocupações governamentais em levar uma educação mais formal para que dentre outras coisas os alunos fossem ensinados a falar a língua nacional – o português.

As transformações ocorridas a partir de 1950 fizeram com que a região oeste catarinense e, conseqüentemente, Xanxerê tomassem novos rumos políticos no sentido da conquista da emancipação e novos rumos educacionais, seguindo os acontecimentos do campo educacional no Estado e no país naquela época. Cabe aqui explicar melhor tais transformações.

De acordo com os dados de um censo realizado no ano de 1950, a área urbana de Xanxerê contava com 1.311 habitantes (643 homens e 668 mulheres), Abelardo Luz tinha 118 habitantes (57 homens e 61 mulheres) e Faxinal dos Guedes 452 habitantes (263 homens e 279 mulheres), sendo um total de 2.381 habitantes. A década de 1950 foi para este município, assim como para toda a região oeste de Santa Catarina, um período de expansão, o comércio de madeiras e das terras abundantes trouxe crescimento e aumento populacional para o oeste, crescimento este que levou as autoridades administrativas de Xanxerê a traçarem novos planos para aquele novo município.

Em 1952 reuniram-se numa casa familiar, e prontos para o trabalho, um grupo de emancipalistas. Homens com olhos voltados para o futuro desta terra, homens que fizeram a História. [...] A Lei nº 133 de 30 de dezembro de 1953, criou oito novos municípios desmembrados de Chapecó, dentre

eles o município de Xanxerê. Xanxerê tinha então os distritos de: Xanxerê, Abelardo Luz e Faxinal dos Guedes numa superfície de 2.364 km². Sua instalação deu-se em 27 de fevereiro de 1954. Em 5 de julho de 1956, foi instalada a comarca de Xanxerê.(BORDINHÃO, 1996, p.37-45)

Nora destaca uma mudança importante: a simbiose entre nação e Estado que predominou no século XIX foi abalada no decorrer do XX pelo fortalecimento da sociedade. Os movimentos sociais passaram a disputar com os Estados qual seria a “verdadeira” cara das nações. Marilena Chauí era Secretária da Cultura quando a Prefeitura de São Paulo desenvolveu o projeto Pátria amada esquartejada, exposição que percorreu as ruas da capital paulista no início da década de 1990. Chauí comenta que o título procurou chamar a atenção para a multiplicidade que fica escondida sob a égide da nação. “Quantas nações somos nós?” (apud MACIEL; SIMÕES, 1992, p. 8).

Neste período havia em Xanxerê pequenas escolas isoladas no interior e uma escola no centro da cidade, o Grupo Escolar Joaquim Nabuco, uma instituição pertencente ao Estado, onde funcionavam as séries primárias. Esse Grupo Escolar, assim como as escolas isoladas, recebia alunos de todas as classes sociais da cidade.

Em 17 de dezembro de 1953 a Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina aprovou em sessão plenária, a criação do município de Xanxerê, e em 27 de fevereiro de 1954 foi instalado oficialmente o município^{iv}, tendo sido designado pelo governador do estado Sr. Irineu Bornhausen, para assumir o cargo de prefeito provisório de Xanxerê, o Inspetor Geral de Ensino do Estado, Professor Teodósio Mauricio Wanderley.^v

Era necessário que o município oferecesse mais que uma instituição educativa na cidade, pois Xanxerê estava crescendo e a população precisava de uma escola com educação diferenciada, uma escola que designasse educação específica, que cuidasse da boa formação das meninas. Uma escola católica era, portanto, a alternativa.

No ano de 1950 o estado de Santa Catarina apresentava um sistema de ensino relativamente organizado, em relação aos ideais

da Escola Nova^{vi}, tendo Grupos Escolares, Escolas Isoladas, Escolas Reunidas e Cursos Primários Complementares nas redes pública e particular, com uma média de 137 alunos matriculados, para cada mil habitantes.^{vii} Fica evidente neste período a preocupação com os novos padrões de sociedade e educação, como lembra a prof. Gladys Teive em seu estudo sobre o professor paulista Orestes Guimarães e a modernização da instrução pública catarinense (1911-1918):

A escola deveria destruir as marcas de outras práticas sócio-culturais nos corpos e mentes das crianças para forjar um homem novo, para uma nova cidade. A instituição escolar passa a ser, então, considerada um instrumento de regeneração da cidade, de coesão social, de moralização, higienização e de civilização das classes subalternas e, evidentemente, um instrumento para a estabilização do novo regime, uma vez que com a instituição do sufrágio universal o Estado passou a necessitar de cidadãos que soubessem não apenas ler e escrever, mas compreender, pensar e agir de uma nova forma, de modo a tornarem-se cidadãos produtivos ao capitalismo. (TEIVE, 2007 p. 3791- 3792)

O país passou exigir um novo cidadão, com competências e maior discernimento, para ser útil aos projetos do Governo, e as escolas terão que fazer o papel de moldar este homem. Aqui, particularmente, serão apresentados alguns aspectos de uma escola com estas finalidades: o caso da construção do Santa Maria Goretti, de Xanxerê.

De acordo com o que está registrado no histórico oficial do Educandário Santa Maria Goretti, foram enviadas a Xanxerê as irmãs Ana Custódia Baptista, Joana D’Arc Dematté, Ilda Maria Emer e a superiora Maria Nelly Pereira. As irmãs que partiram de Curitiba foram até Porto União, onde se encontraram com o padre vigário da paróquia de Xanxerê e com Alcydes Bortoluzzi que, com condução própria, foi buscá-las. Quando chegaram, tiveram que se hospedar em um hotel, pois a casa que as abrigaria e serviria como escola ainda não estava pronta.^{viii}

As primeiras páginas do Estatuto do Educandário Santa Maria Goretti apresentam algumas informações de ordem geral,

que auxiliam na compreensão a respeito de sua fundação, localização e finalidades educacionais. Logo nas primeiras linhas o que se pode observar é que este educandário pertenceu à Sociedade Brasileira Cultural e Caritativa São José, com sede na Av. São José, n. 1000, no Cajuru – Curitiba (PR), e sua finalidade educacional, de acordo com o Art. 2º do Capítulo II seria “dar instrução e educação a mocidade e adultos do interior, proporcionando-lhes a formação moral, religiosa, cívica e doméstica”. Características como formação doméstica, moral, religiosa e cívica não nos deixam esquecer que o Brasil vivia um momento de conflito político, autoritarismo e repressão. O cívico neste sentido demonstra uma preocupação por parte do Governo em formar cidadãos com sentimento de identificação com o país, preocupação esta que se transfere à escola e a coloca como principal instrumento para a formação deste cidadão patriota, naquele momento da história brasileira. A formação moral, religiosa e doméstica nos possibilita compreender que esta instituição quer formar uma mulher de conduta exemplar e que deverá passar esse comportamento e valores para sua futura família, ou, como colocou Guacira Lopes Louro, em seu *Prendas e Antiprendas*, sobre a formação das jovens gaúchas e que pode aqui auxiliar na compreensão da educação das moças que buscaram instrução com as Irmãs de São José:

Seu comportamento deveria tender para a discrição. O ideal é que ela não fosse impositiva, mas sutil, capaz de influenciar discretamente. Nela se valorizava a religiosidade e a moral, através de cuidadosa supervisão sobre suas leituras, seus hábitos, seu comportamento. (LOURO, 1987, p. 92)

Mais adiante o Art. 4º do capítulo II trata dos cursos que as Irmãs São José mantinham na cidade de Xanxerê: “a) Jardim de Infância; Pré-primário; Primário; Curso Normal Regional São José; Ensino Doméstico; Corte e Costura; Música e Curso de Datilografia, b) Um internato para meninas do interior mediante pequena mensalidade, c) Visita às colônias e ao Posto dos

Índios, d) Uma Irmã será encarregada da visita aos pobres”. Esta seria a primeira escola com ensino secundário em Xanxerê.

Quando o município foi emancipado e as autoridades políticas resolveram que seria importante a construção de mais uma escola na cidade, pois a já existente era pública e laica e a escola das irmãs de São José seria particular e católica, fazem contato com o Dr. Bertaso, do Hospital de Chapecó, cidade que até então havia sido sede de Xanxerê. O Dr. Bertaso já conhecia as Irmãs de São José e as havia contratado para trabalhar no hospital, ele fez então o contato com as irmãs que foram conhecer Xanxerê e após refletirem sobre a proposta decidiram aceitar a tarefa e cuidar de uma escola naquele município. Cito uma conversa com o Sr. Alcydes Bortoluzzi em que ele conta sobre a chegada das Irmãs da Congregação de São José no município de Xanxerê, a sua percepção, memória do fato.

Reuniu-se um pessoal, fizeram uma comissão e foram para Curitiba para convidar as irmãs da Congregação São José, eles queriam trazer as freiras para fazer uma escola aqui, aí eles ficaram assim, tinham que esperar para ver se elas poderiam vir ou não. Aí passou-se um tempo e elas mandaram dizer que podiam vir. E em 53 eu e meu pai pegamos um carro e fomos até Porto União e elas chegaram de trem e dali viemos para Xanxerê. (BORTOLUZZI, em entrevista de 21/07/2007)

O Regimento Interno da escola, em seu Capítulo II, Art. 3º especifica que o estabelecimento designava sua educação ao sexo feminino: “O Ginásio São José manterá, sob regime de internato e externato para o sexo feminino, em turnos diurnos, inicialmente o curso ginásial, regido pela legislação inerente, quanto à seriação, programas e demais aspectos de sua atividade educacional”. Consequentemente iria oferecer igual designação educacional às alunas do Normal Regional São José.

Uma escola feminina que pretendia a formação moral, religiosa e doméstica, onde foram estudar as filhas das famílias mais bem colocadas de Xanxerê e região, neste colégio oferecia-se uma

educação diferenciada (católica e doméstica) daquela que havia para crianças e jovens em idade escolar em Xanxerê na época. Era uma instituição particular e foram os próprios moradores do município juntamente com a Sociedade Brasileira Cultural e Caritativa São José que arrecadaram fundos para a construção e manutenção desta instituição escolar que contava, também, com o auxílio financeiro das mensalidades das alunas.

Antigos moradores da cidade e ex-alunas contam que, nos primeiros anos, se tratava de um casarão de madeira, com dois andares, não possuía luz elétrica nem água encanada^x e se localizava próximo à Igreja Católica, no centro da cidade. Dona Naldira, ex-interna da escola quando questionada sobre suas lembranças a respeito da parte física do educandário lembra que:

[...] na época em que eu comecei o colégio era de madeira ainda, ali do lado do centro comunitário da paróquia, então, era um colégio de madeira tinha dois andares, tinha o térreo e tinha um andar que eram as salas de aula e o segundo era o nosso dormitório, e era assim bem... era confortável mas tinha bastante dificuldade porque sabe casa de madeira, e tinha o dormitório na parte de cima só que os banheiros eram em baixo então a gente tinha que descer todas as escadas. (PEDRASSANI, em entrevista de 15/01/2008)

Situação que não durou por muito tempo, pois, como se pode conferir nos registros das reuniões da escola, a mesma apresentava notável crescimento e atendia cada vez mais alunas. Em 1955 a escola já possuía um grupo de 280 alunas tendo que ser solicitada a vinda de mais uma Irmã para auxiliar na educação das crianças do Educandário. Conforme crescia o número de alunas, ampliava-se o prédio da escola, desta forma, as alunas podiam desfrutar de um espaço maior e mais confortável e as Irmãs de São José poderiam aumentar seu número de matrículas. Assim, em 1956, três anos após a chegada da congregação São José a Xanxerê é dado início à construção do prédio oficial. A nova construção apresentaria os requisitos de uma edificação moderna, na forma de “U”, como era o padrão previsto para a época e que não se comparava a nenhuma

outra existente até então no município, e, de acordo com a “Ata de Fundação e Bênção da 1ª Pedra do Educandário Santa Maria Goretti, no dia 14 de Outubro de 1956:

[...] Foi dada a bênção da Pedra Fundamental do Educandário Santa Maria Goretti, pelo Rvdo Sr. Padre Martinho Geers, vigário da Paróquia; com a assistência de toda a população que se regozija por ver a sua cidade enriquecida com um edifício que honra a cidade de Xanxerê.

A escola como lugar, como espaço, de acordo com Viñao Frago e Escolano (2001), como uma construção feita especialmente para este fim, com imponência, aparece com o passar dos anos como resultado de influências sociais e educativas. Em fins do século XIX e início do XX o edifício escolar ganha espaço, isto é, surgem construções feitas exclusivamente para este fim, a educação. O espaço não é neutro, sempre educa. A escola é construída em um local escolhido, apresenta uma forma determinada e isso não por acaso ou por luxo e ostentação. O edifício escolar fala, ele está dizendo que ali é um lugar onde higiene e moral predominam. O Santa Maria Goretti foi construído perto do centro da cidade, mas não junto dele, perto da Igreja, da Prefeitura e da Praça central, em um terreno espaçoso, que permitia ampliações, suficientemente longe do comércio ou de qualquer estabelecimento que pudesse distrair a atenção das alunas. A escola é o lugar da educação e tudo nela, até seu entorno, deve dizer isso, mostrar isso. Assim era o Santa Maria Goretti quando foi planejado e construído para ser o lugar de educação para as moças de Xanxerê e localidades vizinhas.

A construção em local escolhido, o formato do edifício em “U”, a disposição dos ambientes por andares, o número de laboratórios, de lavabos, a localização da Capela, do pátio, enfim, são pensados para que o Santa Maria Goretti fosse uma escola moderna. A fachada de frente para a rua principal, dando visibilidade a qualquer um que passasse perto ou longe, pois estava construído em um lugar alto, um pátio interno que podia ser observado atra-

vés de qualquer um dos corredores com suas grandes janelas bem arejadas e ensolaradas, que levavam às salas de aula, aos laboratórios e demais compartimentos. O desnível do terreno permitiu que a cozinha, o refeitório e a área coberta, para os dias de chuva e frio, ficassem em um plano mais abaixo, dando à construção três andares, no mais alto e protegido dos níveis estavam os dormitórios das internas. Cada um destes espaços obedecia rigorosamente às exigências da época em relação à higiene e conteúdo dos aposentos da escola, isso pode ser verificado no primeiro relatório de inspeção do Santa Maria Goretti solicitado ao Sr. Inspetor Seccional Octavio da Silveira Filho, em 27 de setembro de 1958, ao qual procede da seguinte maneira, como se encontra em tal relatório:

ORDEM DE SERVIÇO Nº. 7, de 28 de agosto de 1958

O INSPETOR SECCIONAL DE FLORIANÓPOLIS, na forma estabelecida pela portaria nº. 1388 de 20 de setembro de 1957 da Diretoria de Ensino Secundário,

RESOLVE

Designar o inspetor de ensino secundário, referência 25, da T.U.M. do M.E.C., JORGE BARROSO FILHO, matrícula nº. 1.994393, lotado no Colégio Diocesano, na cidade de Lages, neste Estado, para proceder à verificação previa do primeiro ciclo no GINÁSIO SÃO José, situado na Rua Cel. Santos Marinho s/n na cidade de Xanxerê, neste Estado, para fins de funcionamento condicional.

O inspetor Jorge Barroso Filho, ao final de seu trabalho de inspetoria no Santa Maria Goretti, assina a Ficha do Estabelecimento como reconhecido, com um total de 1829 pontos, como pode-se observar na figura 1. Assim, pode-se perceber que a Congregação das Irmãs de São José foi de grande importância no processo educacional no município de Xanxerê, principalmente na formação escolarizada da mocidade do interior, enfatizando a formação da esposa, da mãe e da professora.

Pode-se concluir que o fator que levou a Congregação das

Irmãs de São José ao município de Xanxerê foi a formação específica para o lar, o preparo para o casamento que vem ao encontro do projeto social religioso estabelecido para a mulher na década de 1960 para aquele município do interior catarinense. A instituição educadora das religiosas de São José procurou viabilizar uma proposta curricular com uma formação que consistia no preparo para o casamento, através da formação da educadora familiar, para o ingresso na universidade, no magistério e na formação de valores católicos.

A educação ministrada pelas Irmãs de São José de Xanxerê (SC) estava em perfeita sintonia com a formação de uma mulher apta às lidas do lar e educadora/mãe, como era comumente esperado da mulher das classes média e alta, segundo o modelo estabelecido pela sociedade até então (1950 – 1960). Os ensinamentos ali transmitidos eram apropriados e voltados à formação da mulher, aos modelos e comportamentos que deveriam seguir um modelo de mulher para a época de 1960, para uma localidade interiorana, cristã, instruída, resguardada, apta a desempenhar os papéis de esposa, dona de casa e mãe, e também o de professora primária.

De tal maneira, seria possível afirmar que o Colégio das Irmãs de São José caracterizou-se por ser um local de refinamento da cultura e da sociabilidade das educandas nos anos de 1960, preocupando-se em torná-las damas aptas ao convívio social, religiosas e bem educadas, que pudessem educar seus filhos, repassar estes valores, e como um importante estabelecimento de ensino, se solidificou tanto pela sua qualidade e estrutura na educação quanto correspondeu aos propósitos religiosos da Igreja. Da mesma forma, atendia à ansiedade dos pais para a formação de suas filhas que, para alguns, representava apenas instrução, seja para o casamento, seja para a vida. Mas, para outros, ou mais precisamente, outras alunas, significava a “oportunidade” de uma profissionalização.

Irmãs de São José (1953-1969):
A escola feminina de Xanxerê (SC)
Vanessa Picolli

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
DIRETORIA DO ENSINO SECUNDÁRIO
FICHA DO ESTABELECIMENTO

SÃO JOSÉ Estado **SANTA CATARINA**
(nome do estabelecimento)
Localidade **XANXERÊ** Rua **SANTOS MARTINS** N.º
Regime **ENSINO NOTURNO** FIMESTRO
SOCIEDADE **SOCIEDADE CULTURAL E EDUCATIVA SÃO JOSÉ**
(Out. Estadual, Municipalidade, Amos ou Part.)
Mantido por
População da cidade ou localidade **12.227** (Incl. Prefeitura) hab. (IB-66)
Número de estabelecimentos de ensino secundário existentes na localidade **03**

GRAFICO RESUMINDO OS RESULTADOS OBTIDOS NAS DIVISÕES DA FICHA

Divisão	Porcentagem
I - Localização	80,4 %
II - Edifício	90 %
III - Instalações	80,6 %
IV - Salas de aula	84,2 %
V - Salas especiais	42,4 %
VI - Ins. para Semi-Int.	91 %
VII - Instalações para labor.	60 %

I - Localização **80,4** % IV - Salas de aula **84,2** %
II - Edifício **90** % V - Salas especiais **42,4** %
III - Instalações **80,6** % VI - Ins. para Semi-Int. **91** %
VII - Instalações para labor. **60** %

Total { Ficha básica **1464**
Ficha complementar I **452**
Ficha complementar II **170**

Carregado **RODRIGUELO** Data **1958**

Figura 1 -Ficha do Estabelecimento.

Arquivo da E.E.B. Presidente Arthur da Costa e Silva.

Fontes:

BORTOLUZZI, Alcydes. Entrevista sobre a Chegada da Congregação de São José em Xanxerê. Xanxerê: Domingo, 21de julho de 2007. Entrevista concedida à Vanessa Picolli.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, Diretoria do Ensino Secundário. Ficha do Estabelecimento. São José/Santa Maria Goretti. Xanxerê 1958.

PEDRASSANI, Naldira. Entrevista sobre o internato do Santa Maria Goretti. Ipuacu: terça-feira, 15 de janeiro de 2008. Entrevista concedida à Vanessa Picolli.

SANTA MARIA GORETTI, Estatutos do Educandário. Xanxerê,

27 de setembro de 1958. Inspetoria Seccional de Florianópolis. Diretoria de Ensino Secundário. Ministério da Educação e Cultura. SANTA MARIA GORETTI, Conselho Pedagógico, Xanxerê. Ata da Benção da Pedra Fundamental da Nova Construção realizada no dia 5 de abril de 1959. Livro 1 p.2

SANTA MARIA GORETTI, Conselho Pedagógico, Xanxerê. Ata da Benção da Pedra Fundamental do Prédio da Escola Normal São José realizada no dia 26 de maio de 1963. Livro 1 p.5

SÃO JOSÉ, Colégio Normal. Relatório anual de 1964. Xanxerê, 21 de dezembro de 1964.

SÃO JOSÉ, Colégio Normal. Relatório referente ao ano de 1966. Xanxerê, 30 de maio de 1967.

SÃO JOSÉ, Colégio Normal. Relatório referente ao ano de 1969. Xanxerê, 4 de fevereiro de 1970.

SÃO JOSÉ, Colégio Normal. Livro Registro de Atas de Colação de Grau. Xanxerê, 12 de dezembro de 1964. Livro único, atas n. 01 a n.05.

Notas :

*Graduada em História pela Unochapecó. Mestre em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.



ⁱ PICOLLI, Ariana; MATIELLO, Alexandre Maurício (Orientador). **Área central de Xanxerê**: estudo para formulação de projeto urbano. 2007. 110 p. Monografia (Conclusão do curso de Arquitetura e Urbanismo - Planejamento Urbano I) Universidade Comunitária Regional de Chapecó, Chapecó, 2007.

ⁱⁱ WERLANG, Alceu Antonio. **A colonização do oeste catarinense**. Chapecó:

Argos, 2002.

ⁱⁱⁱ Ver: PAIM, Elison Antonio. **Fala professor (a):** o ensino de História em Chapecó. 1970-1990. Chapecó: Grifos, 1997.

^{iv} Ata da Câmara de Vereadores de Xanxerê.

^v Foi nomeado um prefeito provisório para aquele momento, pois, de acordo com o que contam as pessoas mais antigas do município, não havia uma organização formal de partidos, que estivessem prontos para concorrer, fez-se, então, um acordo e nomearam o professor Wanderley, por este estar de passagem pelo município.

^{vi} “O escolanovismo brasileiro está ligado a certas concepções de John Dewey, que acredita ser a educação o único meio realmente efetivo para a construção de uma sociedade democrática, que respeite as características individuais de cada pessoa, inserindo-o em seu grupo social com respeito à sua unicidade, mas, como parte integrante e participativa de um todo.” Disponível em: <http://www.centrorefeducacional.pro.br/aniesnova.htm>.

^{vii} FIORI, Neide Almeida. **Aspectos da evolução do ensino público:** ensino público e política de assimilação cultural no Estado de Santa Catarina nos períodos imperial e republicano. Florianópolis: Secretaria da Educação, 1975.

^{viii} BORDINHÃO, Osvaldo. **Nossa Gente, Nossa História.** Xanxerê: AMAI, 1996.

^{ix} BORDINHÃO, Osvaldo. **Nossa Gente, Nossa História.** Xanxerê: AMAI, 1996.

^x As condições da casa que abrigou o Educandário Santa Maria Goretti em seus primeiros anos, sem energia elétrica e água encanada, não era a realidade de todo o município, muitas casas, principalmente no centro da cidade (onde estava também a escola) já possuíam essas instalações.

^{xi} Atas de reuniões, “Ata da Benção da Pedra Fundamental da nova construção” de 5 de abril de 1959. Parte do Arquivo da escola.

^{xii} Hoje a construção está rodeada de prédios e casas, com ruas e avenidas de grande movimento, fica bem na entrada do centro da cidade, pois esta cresceu e o espaço ganhou outra conotação, diferentemente do que era quando foi escolhido para ser “a escola das freiras”.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. História: a arte de inventar o passado. **Locus**: Revista de História, Natal/RN, v. 02, n. 01, 1995.

BORDINHÃO, Osvaldo. **Nossa Gente, Nossa História**. Xanxerê: AMAI, 1996.

FIORI, Neide Almeida. **Aspectos da evolução do ensino público**: ensino público e política de assimilação cultural no Estado de Santa Catarina nos períodos imperial e republicano. Florianópolis: Secretaria da Educação, 1975.

LOURO, Guacira Lopes. **Prendas e antiprendas**: uma escola de mulheres. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1987.

PAIM, Elison Antonio. **Fala professor (a)**: o ensino de História em Chapecó. 1970-1990. Chapecó: Grifos, 1997.

PAIM, Elison Antonio. **Industrialização e Educação**. Chapecó: Argos, 2003.

TEIVE, Gladys Mary. Citações e referências a documentos eletrônicos. 2007. Disponível em: <http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/339GlaydsAuras.pdf>

VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

RENK. Arlene. A nação brasileira. In: **A luta da erva-mate** – um ofício étnico no oeste catarinense. Chapecó: Grifos, 1997.

WERLANG, Alceu Antonio. **A colonização as margens do Rio Uruguai no Extremo Oeste Catarinense: atuação da Cia Territorial Sul Brasil - 1925 a 1954.** 1992. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina. 1992.

WERLANG, Alceu Antonio. **A colonização do oeste catarinense.** Chapecó: Argos, 2002.

Abstract

The present work looks for a study of the mean aspects related with the primary teacher`s formation by the Regular School São José, in Xanxerê, Santa Catarina`s west, between 1962 and 1960. The Sisters São José, who came first from France (century XVII), and was radicated in Brasil in the middle of century XIX; came from Curitiba/PR, and fixed theirselves in Xanxerê/SC, when they got emancipated, in 1953, and dedicated of teaching people. Between 1962 and 1969, the Sisters São José keeps up the Regular School São José in purpose to educate girls from the outskirts of town. The School was, in 1969, bought by the Government of Santa Catarina`s State, and then it was changed to a public school, and not connected with religions anymore, named E. E. B. Presidente Arthur da Costa e Silva. This whole study was made by the Cultural and Educational history`s perspective, eminencing the aspect of the Culture of Schools practised in Regular Course in this confessional feminine school, between 1962 and 1969, through the study of the subjects Higiene and Puericultura, and Trabalhos Manuais, that was in the educational curriculum. Through the documental and bibliographic research, so as the interviews with ex students and materials from their personal patrimony, it was possible to investigate evidences of this formation, with the foccus in the instrution, (formation as a primary teacher), but also a training to the marriage and family life, social parts that was waited for the young ladies in that context.

Keywords: Feminine education. Religious school. Secondary regular education. Scholar culture. Teachers formation.